

DESAFIOS DO CORPO PÓS-HUMANO: Angela e as mulheres em Jorge Luiz Calife

Vítor Castelões Gama Gama¹
Igor Graciano Borges²

RESUMO: Buscamos compreender como se dá a representação do corpo feminino pós-humano nas obras de Jorge Luiz Calife (2010), considerado como o pai da ficção científica hard no Brasil. Observam-se os reveses das personagens mulheres, como Angela Duncan, tendo como referencial teórico o corpo-ciborgue de Donna J. Haraway (1991) visto simultaneamente, como um campo de possível resistência política e inscrição pessoal.

Palavras-chave: Pós-humanismo; Ficção científica; Jorge Luiz Calife; Haraway; Ciborgue.

ABSTRACT: We seek to understand how the post-human female body is represented on the works of Jorge Luiz Calife (2010), considered by many as the father of hard science fiction in Brazil. We analyse the setbacks of the female characters, such as Angela Duncan, taking as a theoretical reference the body-cyborg of Donna J. Haraway (1991), seen simultaneously as a field of possible political resistance and personal inscription.

Key-words: Post-humanism; Science Fiction; Jorge Luiz Calife; Haraway; Ciborgue.

“O Projeto genoma prepara o terreno para a explosão da alteração da espécie humana e o nascimento de uma civilização eugênica”. (LIMA, 2005, p. 264)

Na ficção científica³, há uma estreita relação entre ciência e literatura. Por este motivo, o gênero é um meio privilegiado para a discussão de questões como, por exemplo, os impactos de novas tecnologias na vida humana. Para este artigo focaremos no corpo feminino à luz da estética do pós-humanismo. Mais especificamente, em relação ao corpo ciborgue proposto por Donna Haraway. Para a autora, novas tecnologias tornarão distinções de sexo e gêneros mais tênues, quiçá, ultrapassadas. Haveria, então, uma

¹ Mestre em Literatura e Práticas Sociais pela Universidade de Brasília. Doutorando no programa de pós-graduação em Literatura e Práticas Sociais na Universidade de Brasília. E-mail: vtorcasteloesgama@hotmail.com;

² Mestre em Historiografia Literária pela Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul. Doutorando no programa de pós-graduação em Literatura e Práticas Sociais na Universidade de Brasília. E-mail: vtorcasteloesgama@hotmail.com

³ Doravante: FC

liberdade para cada indivíduo escolher a forma de seu corpo e vivências, o que é, claramente, muito bom. Entretanto, aqui trazemos uma questão diferente, a viabilidade. O ciborgue reconfigura a sociedade como a conhecemos, hoje? Neste contexto, analisamos as obras de Jorge Luiz Calife, considerado por muitos críticos e escritores como o pai da FC *Hard* no Brasil.

A obra mais famosa do escritor brasileiro é a *Trilogia Padrões de Contato*, composta pelos livros *Padrões de Contato*, publicado pela primeira vez em 1985; *Horizonte de Eventos*, publicado em 1986, e *Linha Terminal*, publicado em 1991. A trilogia trata de assuntos abrangentes, como a criação das inteligências artificiais, o futuro da humanidade e as viagens no tempo. Em suma, trata-se de uma obra de escopo muito extenso. As obras têm como protagonistas as mulheres Angela Duncan, Dafne Duncan e Luciana Villares. Todas elas foram imortalizadas pela Triade, um organismo imaterial superinteligente que mantém o devido funcionamento do universo. Focaremos apenas nas obras que tiveram como protagonista Angela Duncan, pois, estas obras, de uma maneira ou outra, abordam a questão do corpo pós-humano. Dessa forma, estabelecemos como corpus as seguintes obras: *Angela Entre Dois Mundos*; *Trilogia Padrões de Contato*; e *Problemas no Paraíso*. A primeira destas obras refere-se a acontecimentos anteriores ao início da trilogia e a última retrata um período curto, posterior ao final da trilogia. A escolha em priorizar este movimento cronológico tem como objetivo permitir a observação do percurso da personagem analisada e das outras mulheres no universo criado por Jorge Luiz Calife. Logo, por analogia, também é possível perceber uma espécie de linha evolutiva da humanidade. É neste sentido que Paula Sibilia pergunta-se:

ainda é válido – ou sequer desejável – persistirmos dentro das margens tradicionais do conceito de homem? Nesse caso, por quê? Ou, pelo contrário, seria talvez conveniente reformular essa noção herdada do humanismo liberal para inventarmos outras formas, capazes de conter as novas possibilidades que estão se abrindo e leva-las às suas últimas consequências? O que estamos nos tornando? (SIBILIA, 2015, p. 16)

O futuro da forma humana é uma questão essencial a ser discutida em anos vindouros. Nas obras de Jorge Luiz Calife percebem-se algumas possibilidades de ação, seguindo uma evolução clara: 1) inventam-se as inteligências artificiais, acompanhada pelo advento dos robôs; 2) a união dos humanos, formando os ciborgues; 3) os andróides. João de Fernandes Teixeira explicita a diferença entre as formas:

No século XXI, a figura do ciborgue confundiu-se com a do andróide e com a do robô. Ela oscila entre os extremos do orgânico e do inorgânico. O andróide é o ciborgue totalmente orgânico. Ele pode ser um ser humano, cujo DNA foi reprogramado. O robô é o ciborgue totalmente inorgânico, com mente e inteligência também inorgânicas. Ele é uma criatura da inteligência artificial. No meio do caminho encontramos humanos com próteses e cérebros expandidos, que também nos acostumamos a chamar de ciborgues (TEIXEIRA, 2010, p. 63).

Na narrativa de “Padrões de Contato” há um exemplo deste tipo de ciborgue: Vivian, a assistente do diplomata Álvaro. Ela representa a parceria entre o humano e o inumano, que no mundo criado por Calife, só fora possível no século XXVI, com a plena união homem-máquina.

Para um observador desavisado, Vivian O’Neil seria apenas uma mulher atraente, na faixa dos 30 anos. Externamente era o que ela parecia, e nem seu marido, se ela fosse casada, teria meio de saber que Vivian era um cyborg, um produto da união entre ser humano e sistema cibernético (CALIFE, 2008, p. 92)

Interessantemente, cada mudança de paradigma da humanidade aparenta ser realizada por mulheres, que são os sujeitos da ação. Em toda narrativa não há menção a um homem ciborgue, simbiote ou em qualquer outra forma corporal, senão a considerada “normal”. Ao mesmo tempo, isto pode aparentar que as mudanças são feitas nas mulheres e não por elas, retirando-lhes a agência, vista aqui como capacidade de escolha. Afinal, “a forma humana não fora alterada por razões estéticas, e apenas uma sondagem sônica

distinguiria Vivian de uma mulher dos tempos primitivos” (CALIFE, 2008, p. 93). O questionamento “que tipo de função estética é esta que não pode ser mudada?” é então válido.

O ciborgue é o ápice da união corpo e máquina, após esse limiar, outras formas corporais tiveram que ser testadas e aprimoradas. Há então, a simbiose, fato que modifica parcialmente o formato humano e, portanto, também a vivência. Busca-se a autopoiese, o que leva a uma ausência de evolução, uma vez que os corpos tornam-se completamente autossuficientes e reparadores. Esta transição é exposta em “Padrões de Contato” quando Álvaro, acompanhado de Vivian, encontra um povo que deseja a simbiose. “— No próximo século já teremos adaptado os seres humanos para viverem no espaço, sem precisarmos de espaçonaves, colônias ou planetas. — Se o fizermos eles não serão mais inteiramente humanos” (CALIFE, 2008, p. 108). Assim contrapõem-se os “estágios” evolutivos pessoalmente.

Esse patamar corporal só é quebrado com a completa digitalização, quando a matéria é transformada em energia ou em bits. Na obra, a transcendência material é realizada por meio de uma comunhão com a Tríade. Em todos os outros momentos da narrativa, a figura humana permanece inalterada. O que anteriormente era perceptível em Vivian, mantém-se na forma simbiótica de Nádia.

A jovem era uma estátua platinada flutuando no espaço. Seu corpo esbelto e trigueiro, com as pernas longas de uma bailarina, os seios pequenos e cônicos, os cabelos longos e o rosto de traços delicados com olhos destituídos de íris, tudo parecendo fundido em metal extremamente plástico, o trabalho de um artista que conseguira introduzir a centelha de vida em sua criação. [...] Todavia, Nádia era uma moça de carne e osso por baixo de sua pele simbiote, uma camada de fungo sintético que lhe permitia flutuar nua no espaço, protegendo-a dos extremos de temperatura, do vácuo e da radiação, e ainda fornecendo-lhe alimento. (CALIFE, 2008, p. 99)

É marcado então o conflito entre as culturas, a primeira que busca a união do corpo e da máquina, e a outra com próteses vivas (os simbiosistas). Além disso, mantêm-se aqueles que recusam toda e qualquer modificação corporal (Álvaro).

Os terrestres da superfície são demasiado conservadores para aceitar nossas ideias de união entre homem e máquina. Eles acreditam que o corpo humano é um patrimônio em sua forma convencional, devendo ser cultuado e mantido inalterado, mesmo que isso conduza inevitavelmente à senilidade e à morte. —Do nosso ponto de vista eles estão errados e vocês também. A resposta para a extensão da capacidade humana assim como de nosso domínio sobre ambientes planetários deve ser biológica. Uma estrutura viva é muito mais eficiente e versátil que qualquer máquina. (CALIFE, 2008, p. 103)

Se transpusermos para nossa realidade, as escolhas não são tão simples. Na conceituação de Donna J. Harraway (2009, p. 36), “um ciborgue é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção”. Portanto, a figura do ciborgue não diz respeito apenas ao corpo, mas também a todo espectro político e social. O ciborgue por se manter na fronteira entre o humano e o inumano é um espaço-corpo de possibilidades. Sendo assim, “o ciborgue não está sujeito à biopolítica de Foucault; o ciborgue simula a política, uma característica que oferece um campo muito mais potente de atividades” (HARRAWAY, 2009, p. 63). Conceituação que abriu espaço para o que a autora chamou de “tecnobiopoder”. Não há dúvida que a proposição de Harraway é extremamente pertinente, mas a de Foucault também não perdeu seu valor. As dinâmicas dos poderes, realmente, não se aplicam mais? Para este argumento, temos uma pergunta: pós-humano para quem? Como já foi exposto, o protagonismo feminino nestas obras é suspeito. A situação delicada das mulheres é demonstrada quando Batedor, uma espécie alienígena robótica, aprende sobre a humanidade por meio da indústria cultural. O que incluía filmes sadomasoquistas: “Humanos espécie dominante na Terra. Espécie Mulher submetida pelo

Homem. Devem servi-lo. Punidas quando não o fazem... Como podem possuir meios de viajar no espaço? (CALIFE, 2008, p. 50).

Portanto, com esta imagem do corpo controlado, talvez de um corpo “bondage”, é possível pensar as mudanças do biopoder no pós-humano. Á princípio no conto “Problemas no Paraíso”, o desenvolvimento científico é posto em primeiro plano, mas, há também uma conexão com o mito cristão. De forma resumida, anos depois dos acontecimentos na trilogia, Angela decide viajar pelo universo em uma nave autossuficiente. “O cenário evocava cenas de um paraíso bíblico. Uma piscina natural cercada por árvores frondosas, uma linda mulher loira nadando nua nas águas cristalinas” (CALIFE, 2009, p. 5). Neste lugar edênico, a protagonista intitulou-se “Eva”, mas acompanhada apenas de duas inteligências artificiais, “Uni”, a serpente, e “Gaia” que comanda todo o meio ambiente. O problema ocorre com a chegada de um homem, que desestabiliza a harmonia anterior. Até então, as relações de Angela eram estritamente com as máquinas. “Aqui a Eva loira tornava-se um ser biônico, que se recostou num sofá e plugou cabos de fibra ótica as tomadas em seu traje eletrônico” (CALIFE, 2009, p. 7).

Por uma necessidade narrativa, vários problemas de ordem técnica ocorrem após esta visita. Problemas estes, que poderiam colocá-los em perigo. A primeira reação de Angela frente às dificuldades é usar um corpo simbiótico para tentar consertar sua nave espacial, no caso, a perda de energia da nave e mau funcionamento dos módulos de sobrevivência (regulação de temperatura). Na pior das hipóteses, a protagonista poderia sobreviver com este outro corpo autopoietico, mas, isso implicaria deixar o homem morrer de frio. Deixar o homem para trás nunca lhe passa pela cabeça. As tecnologias mais antigas são a salvação: a fogueira e o calor humano:

Gaia observava tudo pelas câmaras instaladas nas paredes do domo. E vendo o belo casal de humanos, brincando juntos dentro do lago, a inteligência artificial ficou satisfeita. Sua coleção de espécimes agora estava completa e a arca espacial poderia seguir viagem para povoar um novo mundo. O estranho era o elemento que faltava no seu paraíso (CALIFE, 2009, p. 19).

Gaia, como boa pastora, cuida de seu rebanho para que se reproduza bem. Seria este o propósito das inteligências superiores (dos deuses)? Em certo momento de “Padrões de Contato”, o Batedor comenta que as mulheres seriam uma “máquina de Von Neumann biológica”, ou seja, auto-replicas. Esta referência concerne a algumas das invenções do matemático húngaro John Von Neumann, entretanto, uma das aplicações mais trabalhadas e teorizadas, posteriormente, para a sua máquina é o que ficou como “Sonda Von Neumann”. Este tipo de sonda iria de planeta em planeta, reabastecendo-se com os recursos necessários para continuar a viagem e cumprir seu objetivo. Angela e as outras mulheres da Tríade exercem essa função, no sentido que vão para um planeta com o propósito de “reproduzir-se”, de levar a "humanidade" aos confins do espaço, à revelia. Desde já, se vê que a mulher é caracterizada como um corpo reprodutor. Esta ideia é expandida em outras obras, em que há também a revitalização da eugenia. A própria Angela é um produto perfeito das técnicas eugênicas. Angela é filha de Isabela Duncan, cuja inscrição do corpo como um território governado e controlado pela Tríade é patente:

Ela tentou criar uma deusa, uma mulher perfeita para liderar a humanidade através do próximo salto evolutivo. E a experiência parecia um sucesso. A deusa ficou linda, superinteligente, carismática, irresistível, imortal... Mas tinha um defeito. Ela se apaixonou por um reles e insignificante mortal (CALIFE, 2010, p. 135).

O corpo de Isabela foi criado para fomentar a evolução humana, mas esta foi renegada ao ter se apaixonado por um mortal, de carga genética presumidamente inferior. A Tríade, então, modifica a filha dela no útero. Pode-se dizer que é uma representação análoga à concepção imaculada, também destinada a trazer a salvadora da Terra. “Sua mãe foi a mulher escolhida para conceber nossa semente. Penetramos nela e modificamos um óvulo para os nossos propósitos. Seu pai não tinha meios de saber, Angela” (CALIFE, 2008, p. 223). Para Mary Elizabeth Ginway (2015, p. 210), a FC brasileira por certo tempo ficou dividida entre a eugenia à moda “neo-lamarckiana, mais preocupada com o saneamento e higiene, e a mendeliana, mais focalizada na genética e hereditariedade”. A

volta dos pensamentos eugênicos foi possível com o desvio do corpo sanitizado e, posteriormente, da raça para a figura dos genes. Não ter genes bons é quase como não ser humano, ou sub-humano. No romance de Calife, isto é exposto quando colonizadores brasileiros afetados muitos anos pela radiação aparecem simplesmente fadados à morte.

Mesmo que um número suficiente deles sobreviva para iniciar uma colônia, mesmo que encontrem um planeta adequado, que tipo de sociedade vão criar? Estas pessoas tiveram seus genes alterados pela radiação. A menos que sejam submetidas a cirurgia molecular vão ter filhos deformados. A maioria não chegará à idade adulta e os que chegarem vão ser o quê? Uma raça de monstros? (CALIFE, 2008, p. 298)

A condição sub-humana imposta é tão horrível e incompreensível que estes personagens são taxados de monstros. Salvá-los "vai exigir todos os nossos recursos: engenharia genética, cirurgia criônica, regeneração celular, empatia psíquica; com alguns anos de tratamento poderemos convertê-los novamente em **seres humanos**" (CALIFE, 2008, p. 300, grifo nosso). Esta linha de pensamento não é tão fantasiosa assim, uma vez que podemos observar a tendência em prática atualmente. Se gasta muito dinheiro e tempo para garantir um bom gene. O pesquisador Roger Tavares comenta:

Mas ao lado da clonagem se desenvolvem as técnicas de reprogenética. Essas sim poderiam acarretar problemas sociais profundos, como uma nova forma de eugenia que faria a antiga parecer uma piada. Na tecnologia reprogenética, os genes são modificados antes de serem implantados no útero da mãe (TAVARES, 2005, p. 227).

Cabe ressaltar que as formas anteriores de eugenia ainda são aplicadas ao redor do mundo, o racismo ainda é prevalente. Porém, a eugenia genética é a única socialmente aceita e que talvez, inconscientemente, acabe fomentando algumas novas formas de racismo e sexismo. No caso das obras de Calife, mesmo em uma sociedade supostamente muito avançada, a operacionalização eugênica sempre encontra fulcro no corpo da mulher. Foucault ressaltava como o corpo feminino sofreu uma ingerência contínua da sociedade:

Histerização do corpo da mulher: tríplice processo pelo qual o corpo da mulher foi analisado — qualificado e desqualificado — como corpo integralmente saturado de sexualidade; pelo qual, este corpo foi integrado, sob o efeito de uma patologia que lhe seria intrínseca, ao campo das práticas médicas; pelo qual, enfim, foi posto em comunicação orgânica com o corpo social (cuja fecundidade regulada deve assegurar), com o espaço familiar (do qual deve ser elemento substancial e funcional) e com a vida das crianças (que produz e deve garantir através de uma responsabilidade biológico-moral que dura todo o período da educação) (FOUCAULT, 2012, p.115).

Dessa forma, o corpo foi primeiramente hiper-sexualizado, mas seu uso não era livre, dispor dele era uma enfermidade. Em seguida, foi contornado para a função reprodutora e, então, posto a serviço do corpo social. Se o controle das populações é essencial, a sexualidade e a natalidade devem ser gerenciadas. Assim, nessa ótica os partos naturais não são convenientes, pois, podem ser imprevisíveis. Angela compartilha esta noção, ter filhos não era algo que lhe apetecia. “O parto normal, que usara para dar à luz o primeiro, parecera-lhe muito selvagem e anti-higiênico” (CALIFE, 2008, p. 186). O certo para ela era se utilizar das tecnologias recentes, e “ir ao ginecologista e retirar o óvulo fecundado, após a concepção, para vê-lo desenvolver-se e transformar-se num ser humano dentro de um útero artificial, com todos os cuidados da genética para assegurar a perfeição física e mental” (CALIFE, 2008, p. 186).

Angela sabia que Dafne a programara durante a concepção no Banco de Genes, de modo a recuperar todos os traços genéticos do ramo escandinavo da família Duncan. A programação bioquímica tivera sucesso e Lena tornara-se uma reprodução perfeita de uma jovem sueca ou norueguesa da antiga Terra. Não obstante o resultado, Angela nunca aceitara inteiramente esse costume, agora generalizado. Pais projetando a aparência de seus filhos, escolhendo feições, cor da pele, tipo de cabelo, altura e constituição física, como se crianças fossem apenas lindos bonequinhos pré-fabricados e não seres humanos. (CALIFE, 2008, p. 261)

Neste tipo de sociedade, o acaso é ruim, não há evolução após a perfeição. As formas tanto sociais quanto corporais devem ser mantidas. O sexo e os partos não controlados entram em direto desacordo com a ordem social.

As sociedades mais coesas, os insetos, minimizam os efeitos disruptivos do sexo. O sexo é uma amarra à formação de sociedades, porque os indivíduos, sexualmente, reprodutores não são idênticos geneticamente. Eles, portanto, competem com diferentes estratégias de investimento (HARRAWAY, p. 61, tradução nossa).⁴

Portanto, em outras sociedades há a necessidade de se competir pela melhor carga genética e em consequência há também uma diversidade de formas e relações. Questionamos então, em uma sociedade perfeita e com acesso a simbiose, como é que a forma humana se manteve intacta? Por que a figura do corpo reprodutor não se modificou? Para Stelarc (1997), o corpo ciborgue só pode existir se houve a liberdade de codificar o próprio código genético. Entretanto, nas obras de Calife, ele é um corpo governado. Angela e as outras criações da Tríade apontam para a existência de um molde, uma forma prescrita para o que é ser mulher. Michelle, “rival” de Angela, foi uma das primeiras a entrar em contato com a Tríade e isso é o que ocorre:

Oh, aquelas coisinhas brilhantes voadoras me reconstruíram célula por célula. Eu não podia existir nesta forma física na dimensão entre universos pra onde me levaram. Lá eu era um padrão de informações armazenado num banco de dados. Memórias, personalidade, características físicas, um molde para fazer uma mulher, esperando para ser preenchido de novo (CALIFE, 2012, p. 129).

Mesmo na digitalização do corpo, a figura da mulher subsiste. Isto é, uma questão contemporânea presente, por exemplo, nos abusos legados as mulheres e àquelas pessoas que possuem um “apelido” que pareça “feminino” nos jogos eletrônicos. A possibilidade de ser uma mulher ou não por detrás do teclado é insignificante, quando o importante é perpetuar as relações de poder. A concepção do que é caracterizado como “mulher” é

⁴ No original: “But the most highly integrated societies, the insects, minimize the disruptive effects of sex. Sex is a constraint on the formation of societies because sexually reproducing individuals are not identical genetically. They therefore compete with different investment strategies”.

inabalável, modificar isto em uma direção não sexualizada, governada é uma heresia. Vivian, mesmo ciborgue, ainda tinha os órgãos sexuais. Quanto a simbiótica Nádia:

Pareciam feito do mesmo material fluido que o resto do corpo feminino ali reproduzido em seus menores detalhes... Em seus menores detalhes? Não, não era verdade. A pele da garota metálica não tinha poros e não havia igualmente sinal dos órgãos genitais. O púbis era um triângulo metálico sem pelos ou qualquer abertura visível. (CALIFE, 2008, p. 105)

Mas, este corpo é apenas uma "roupa" na superfície, deixando subliminarmente ainda a existência genital. Mesmo Angela, construída pela Tríade e conhecida pelo epíteto "boneca de carne imobilizada no tempo (sic)", surpreende-se quando alguém modifica o seu corpo para outra forma. Ela teve um tremendo choque quando uma de suas netas decide entrar numa relação parasitária com alienígenas insetóides:

Angela não queria acreditar no que via. Era absurdo, chocante. Lembrava-se de Lena Duncan como uma jovem nórdica de pele rosada, uma criação de engenharia genética perfeita e graciosa. Uma bela mocinha que não podia ter se convertido neste ser grotesco e abominável (CALIFE, 2008, p. 388).

O pensamento de Angela ecoa tanto uma limpeza eugênica quanto a fetichização de uma forma vista como essência. "Mas, afinal, por que está chocada, Angela? Porque não sou mais bonita? O que é a beleza? Existe algum padrão universal especificando que as mulheres devam ser como você, como Dafne, como Luciana Villares?" (CALIFE, 2008, p. 388). Nesse sentido, a engenharia genética é primordial. O certo era criar cada vez mais uma raça de super-heroínas, gigantes e perfeitas. Assim,

a criação de identidade humanas baseadas no DNA pode resultar numa nova forma de estratificação social, em que uma "elite genética", composta das pessoas mais saudáveis e mais inteligentes, subjuga a casta inferior, composta das pessoas biologicamente desfavorecidas, predestinadas por seu nascimento a uma condição servil (ROUANET, 2003, p. 58).

E aí está o ponto essencial da obra: escrever o corpo. Ou, a quem é permitido escrever o corpo? É dessa forma que o pensamento mítico religioso em “Problemas no Paraíso” retorna, ao sugerir que o corpo é um templo. No entanto, de outra maneira. Não pela proibição de tatuagens, barba, etc, e sim com a própria forma corporal. A Tríade como um substituto divino (ou seria a Santíssima Trindade) pode escrever um corpo, mas Lena não o pôde, Dafne não o pôde e Nádia tampouco. Assim, o corpo feminino como órgão reprodutor é aceito, sendo como veículo para uma concepção imaculada, a destruição é aceita (como a de Michelle), mas não a criação. Pois, a criação é território do divino.

Um dos atrativos da ficção científica é observar como muitas das técnicas e assuntos abordados vão se tornando realidade. Tecnologias que trazem de volta a questão do corpo, uma delas é: a CRISPR-Cas9⁵, procedimento para cortar uma sequência de DNA e colar em outro trecho de forma muito mais rápida que técnicas anteriores. Em outras palavras, um “copiar e colar” genético, que funciona na maioria dos tipos de células testadas, até humanas. Neste sentido Shalem salienta que:

A simplicidade de programar o CRISPR (Conjunto de Repetições Palindrômicas Regularmente Espaçadas) em associação com a nuclease Cas9 para modificar localidades genômicas específicas sugere uma nova maneira de se questionar a função do gene em uma grande escala genética (SHALEM, 2014, p. 84, tradução nossa).⁶

Donna Harraway (1991, p. 46, tradução nossa) comenta que “não é acidental que a genética moderna é seguida como uma ciência linguística, com atenção aos signos, às pontuações, a sintaxe, a semiótica, as leituras digitais, fluxos direcionais, códigos

⁵Cas9 é uma enzima que corta DNA, e a CRISPR é um acervo de sequências de DNA que diz à Cas9 onde exatamente deve-se cortar. Com um acervo amplo é possível analisar vários tipos de células com um rigor científico maior.

⁶No original: “The simplicity of programming the CRISPR (clustered regularly interspaced short palindromic repeats)–associated nuclease Cas9 to modify specific genomic loci suggests a new way to interrogate gene function on a genome-wide scale”.

genéticos, transcrições, e assim por diante”.⁷ A CRISPR cria uma narrativa pessoal, uma história contada pelos genes.

O corpo é concebido como um sistema estratégico, altamente militarizado em arenas fundamentais de imagens e práticas. [...] O corpo biomédico-biotecnológico é um sistema semiótico, um campo complexo produtor de significado, para o qual o discurso da imunologia, ou seja, o discurso biomédico central sobre reconhecimento /não-reconhecimento, se tornou uma prática de alto risco em muitos sentidos (HARRAWAY, 1991, p. 211, tradução nossa).⁸

É premente então, e, novamente, ecoamos o argumento de Stelarc, a habilidade de escrever o próprio corpo, seja na vida real ou na ficção, ou transformá-lo em um campo de resistência política. Neste ponto, a prática e a teoria estão, profundamente, imbricadas. A FC ajuda a pensar essas novas formas do corpo, e, os ciborgues de Harraway são um exemplo fértil. Afinal para ela “o ciborgue é uma criatura de um mundo pós-gênero: ele não tem qualquer compromisso com a bissexualidade, com a simbiose pré-edípica, com o trabalho não alienado” (HARRAWAY, 2009, p. 38). Já para Teixeira (2010, p. 93), “o corpo do ciborgue, com sua espacialidade difusa que mais o aproxima de uma representação do que de um objeto físico no sentido tradicional”. É na verdade, um corpo pré-linguístico.

O corpo pré-linguístico é só movimento, só anima, corpo intencional ou puro desejo que se manifesta como movimento, expressão de uma sexualidade polimorfa que não tem gênero (isto é, tem os dois), nem cujo prazer tenha sido genitalizado. A demarcação do erógeno vem não apenas com a civilização, mas também com a linguagem (TEIXEIRA, 2010, p. 94-95).

⁷No original: “It is not an accident that modern genetics is pursued as a linguistic Science, with attention to signs, punctuation, syntax, semiotics, machine read-out, directional information flow, códons, transcription, and so on”.

⁸ The body is conceived as a strategic system, highly militarized in key arenas of imagery and practice. [...] The biomedical-biotechnological body is a semiotic system, a complex meaning-producing field, for which the discourse of immunology, that is, the central biomedical discourse on recognition/misrecognition, has become a high-stakes practice in many senses”.

As fronteiras do corpo são criadas pela linguagem ou escapam da linguagem, como é o caso do ciborgue. Afinal, como vemos e como representamos os corpos é um ato político potente. Neste viés, Judith Butler afirma que:

O humano, ao que parece, deve tornar-se estranho a si mesmo, mesmo monstruoso, para reatingir o humano em outro plano. Esse humano não será “uno”, de fato, não terá uma forma final, mas será aquele que está constantemente negociando a diferença sexual de um modo que não tenha nem consequências naturais ou necessárias para a organização social da sexualidade (BUTLER, 2004, p. 191).⁹

Sendo assim, reagiremos como Angela ao ver o corpo monstruoso da neta? A resposta da arte literária, ecoando Barthes, é adiantar as discussões da ciência e permitir este vislumbre das questões por vir. A literatura mostra o corpo estranhado e nos prepara para quando esta situação realmente chegar. Afinal, o corpo ciborgue é um campo de resistência, a indefinição pela linguagem uma de suas características mais fortes. Porém, não significa que sempre será assim. A linguagem parece querer definir o corpo pós-humano, seja naturalizando as dominações (como nas obras supracitadas) ou questionando-as como em obras das escritoras Lady Sybylla, Aline Valek, Cristina Lasaitis, entre outras. Frente a este campo de batalha, o futuro será como o visto por Harraway e Stelarc, livre para dispor do próprio corpo ou uma distopia de corpos continuamente colonizados?

⁹ No original: “The human, it seems, must become strange to itself, even monstrous, to reach the human on another plane. This human will not be “one,” indeed, will have no ultimate form, but it will be one that is constantly negotiating sexual difference in a way that has no natural or necessary consequences for the social organization of sexuality”.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *Aula*. Tradução: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1980.

BUTLER, Judith. *Undoing Gender*. London: Routledge, 2004.

CALIFE, Jorge Luiz. *Trilogia Padrões de Contato*. São Paulo: Devir, 2008.

_____. Estranhos no Paraíso. In: **CAUSO**, Roberto de Sousa (org.) *Contos imediatos*. São Paulo: Terracota, 2009.

_____. *Angela entre dois Mundos*. São Paulo: Devir, 2010.

_____. *Trilhas do Tempo*. São Paulo: Devir, 2012.

CAUSO, Roberto de Sousa (org.) *Contos imediatos*. São Paulo: Terracota, 2009

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2012. 22^a impressão.

GINWAY, Mary Elizabeth. Eugenia, a mulher e a política na literatura utópica brasileira (1909-1929). In: **SUPPIA**, Alfredo. (org.) *Cartografias para a ficção científica mundial: cinema e literatura*. São Paulo: Alameda, 2015.

HARRAWAY, Donna J. *Simians, Cyborgs, and Women: the reinvention of nature*. London: Routledge, 1991.

_____. *Modest_Witness@Second_Millennium.Femaleman©Meets_OncoMouse™: feminism and technoscience*. London: Routledge, 1997.

HARRAWAY, Donna J. Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: **TADEU**, Tomaz (org.) *Antropologia do Ciborgue: as vertigens do pós-humano*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

LIMA, Gilson. *Nômades de pedra: teoria da sociedade simbiogênica contada em prosas*. Porto Alegre: Escritos editora, 2005.

ROUANET, Sérgio Paulo. O homem-máquina hoje. In: **NOVAES**, Adauto (org.) *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SHALEM, Ophir. et al. *Genome-Scale CRISPR-Cas9 Knockout Screening in Human Cells*. In: **SCIENCE**, 3 JAN. 2014, VOL 343. American Association for the Advancement of Science. New York. <<https://doi.org/10.1126/science.1247005>> Acesso em: 20/03/2018.

SIBILIA, Paula. *O homem pós-orgânico: a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

STELARC. Das estratégias psicológicas às ciberestratégias: a protética, a robótica e a existência remota. In: **DOMINGUES**, Diana (org.). *A arte no século XXI: a humanização das tecnologias*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

TAVARES, Roger. Design Genético. In: **LEÃO**, Lucia. (Org.) *O chip e o caleidoscópio: reflexões sobre as novas mídias*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2005. Pp. 217-232.

TEIXEIRA, João de Fernandes. *A mente pós-evolutiva: a filosofia da mente no universo do silício*. Petrópolis: Vozes, 2010